

ERA UMA VEZ... HISTÓRIAS QUE ENSINAM: O AMOR E O ENCANTO DA CONTAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO SABER

Érick Lian Thomé¹

Elenice Ana Kirchner²

Kurlan Frey²

Rúbia Marta Cadore Albarello²

Clarice Gallina²

RESUMO

O presente artigo, intitulado “Era uma vez... Histórias que ensinam: o amor e o encanto da contação na construção do saber”, constitui um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso II do Curso de Pedagogia, e tem como objetivo compreender como a contação de histórias, ao unir ludicidade e emoção, contribui para encantar e transformar a aprendizagem infantil. A pesquisa, de natureza teórico-empírica e abordagem qualitativa, foi desenvolvida com crianças da Educação Infantil da Rede Municipal de São João do Oeste (SC), articulando estudos teóricos, sessões práticas de contação de histórias e aplicação de questionários semiestruturados com professoras participantes. As experiências vivenciadas em campo permitiram observar o envolvimento sensível das crianças diante das narrativas, revelado por expressões de curiosidade, imaginação, escuta atenta e participação ativa. Os relatos das docentes reforçaram que as histórias potencializam o desenvolvimento da linguagem, ampliam a criatividade, fortalecem a atenção e promovem competências socioemocionais, como empatia, cooperação e expressão dos sentimentos. Além disso, contribuíram para estreitar vínculos entre crianças, educadores e o universo da leitura, tornando o ambiente escolar um espaço de afeto e descoberta. Os resultados evidenciam que a contação de histórias vai além do entretenimento: trata-se de um gesto pedagógico sensível, capaz de ressignificar o ato de ensinar e aprender, aproximando o conhecimento do coração infantil. Assim, conclui-se que a narrativa oral, quando vivenciada com intencionalidade e encantamento, constitui um recurso formativo potente, que transforma o cotidiano escolar e amplia as possibilidades de aprendizagem significativa.

Palavras-chave: Contação de histórias. Educação Infantil. Emoção. Aprendizagem.

¹ Acadêmico do Curso de Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Uceff

² Docente do Centro Universitário Uceff

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 ERA UMA VEZ... A MAGIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Um livro se abre, as páginas respiram, e as palavras ganham alma. “Era uma vez...”, mais que um início, é um chamado à imaginação, um convite ao encantamento. O ato de contar histórias é, desde sempre, um gesto humano de partilha, onde voz e emoção constroem pontes entre o real e o imaginário.

Abramovich (1994, p. 17) lembra que as histórias têm o poder de “suscitar o imaginário”, permitindo viagens interiores e despertando empatia. Ao ouvir e contar, quem narra e quem escuta se tornam cúmplices da descoberta do mundo. Como afirma Hansen (2019, p. 7), “seja lá o que você queira comunicar, se o seu objetivo é envolver pessoas: conte uma história!”. A contação, portanto, é mais do que entretenimento: é linguagem viva, emoção e construção de saberes.

As histórias ampliam a imaginação, fortalecem vínculos e permitem a transmissão de valores e afetos (Abramovich, 1994). Em cada narrativa, a criança aprende a compreender o mundo, a reconhecer emoções e a exercitar a escuta sensível. Contar histórias é soprar vida no silêncio — e enquanto houver vozes e ouvidos atentos, o encanto jamais se apagará.

1.2 NO BAÚ DAS PALAVRAS: A IMPORTÂNCIA DAS NARRATIVAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Desde o ventre, o ser humano é envolvido por sons e ritmos que tecem memórias afetivas. A comunicação nasce do choro, evolui para a fala e culmina na escrita. Segundo Cardoso (2012, p. 8), “cada bebê fala a sua língua”, e essa linguagem se transforma continuamente conforme o sujeito interage com o mundo.

As histórias, nesse processo, tornam-se aliadas fundamentais. Reyes (2010) afirma que a oralidade e a literatura constroem pontes entre o mundo interno e o externo da criança, possibilitando dar sentido às experiências. De acordo com o MEC/SEB (2016, p. 14), “a narração constitui a principal fonte de entrada para a linguagem”, pois é por meio das histórias que a criança organiza o pensamento e aprende a se expressar.

Pareja (2013) destaca que contar e ouvir histórias desenvolve habilidades essenciais como ouvir, falar, ler e escrever. Ao escutar, a criança exercita a empatia; ao narrar, encontra sua voz; ao ler, amplia o repertório; ao escrever, traduz sentimentos. A contação de histórias, portanto, vai além do lúdico: ela é ponte entre a oralidade e a escrita (MEC/SEB, 2016). Como destaca Rossini:

Sabemos que o processo mental é desenvolvido a partir da linguagem. Se por um lado a linguagem oral expressa o pensamento, sabemos também que não podemos pensar sem que haja linguagem. Quando a criança começa a nomear tudo que existe à sua volta (objetos, pessoas etc.), acontece o surgimento das imagens mentais. Estas imagens serão retiradas da memória. Na comunicação humana, ou seja, ao conversar, essas imagens se justapõem, facilitando o desabrochar do pensamento. As histórias favorecem o desenvolvimento da linguagem, do pensar em suas fases evolutivas: imagem, imaginação criadora, observação, dedução e julgamento. Dizem que: “os olhos são o espelho da alma e a fala é o espelho da personalidade” (Rossini, 2012, p. 56).

Rossini (2012, p. 56) reforça que “as histórias favorecem o desenvolvimento da linguagem, do pensar em suas fases evolutivas: imagem, imaginação criadora, observação, dedução e julgamento”. Assim, as narrativas não apenas comunicam ideias, mas estruturam o pensamento e a afetividade, permitindo à criança compreender o mundo e a si mesma.

1.3 VARINHA, VOZ E EMOÇÃO: TÉCNICAS E RECURSOS PARA UMA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS ENVOLVENTE

Contar histórias é uma arte que exige entrega. Como lembra Dohme (2010, p. 7), “contando uma história, cada um pode se sentir um pouquinho artista”. O contador dá vida à narrativa, modulando voz, gesto e emoção, tornando-se ponte entre o texto e o ouvinte.

Costa (2009, p. 79) afirma que o contador reúne “a capacidade de narrar e de representar, com a voz, o olhar e os gestos, essas narrativas”. Assim, elementos como marionetes, livros ilustrados, sons e objetos potencializam a experiência, desde que usados com equilíbrio (Dohme, 2010).

A voz é o principal instrumento do contador. Conforme Dohme (2010, p. 40), “dicção, volume, velocidade, tonalidade e vocabulário” são recursos que transformam a contação em um espetáculo de emoção. A expressão corporal complementa essa entrega: “todo o corpo fala [...] os gestos devem estar coerentes com a narração” (Dohme, 2010, p. 45).

Mas é a emoção que dá vida à palavra. Contar histórias é abrir o coração e permitir que o público sinta junto. Como diz Busatto (2011, p. 26), os contadores de histórias do século XXI “chegam de todas as partes [...] deixando múltiplas leituras aos seus ouvintes hipnotizados”. O contador é, assim, um guardião de memórias e encantos, alguém que transforma a palavra em experiência.

1.4 PÁGINAS ENCANTADAS: COMO AS HISTÓRIAS TRANSFORMAM A APRENDIZAGEM

Na infância, as histórias são janelas para o mundo. Entre fadas e dragões, a criança encontra reflexos de seus medos e desejos. Souza (2008, p. 17) observa que as narrativas ajudam a “dar sentido ao que sentem e imaginar formas de superação”. O encantamento desperta a emoção e, com ela, o verdadeiro aprendizado.

Gomes (2016, p. 16) afirma: “A criança precisa ser encantada”. A contação de histórias desperta curiosidade e prazer em aprender, tornando o conhecimento mais humano. Silva (2009) ressalta que o adulto-mediador é essencial para criar vínculos afetivos e transformar o momento narrativo em espaço de diálogo e criação.

Mesmo quando usadas para acalmar ou organizar a turma, as histórias mantêm seu poder pedagógico. Amarilha (1997, p. 17-18) destaca que, ao ouvir uma história, “as crianças se aquietam, concentram-se e ficam extremamente interessadas”, revelando que o encanto literário toca dimensões profundas do ser.

Corso (2006, p. 21) lembra que “não existe infância sem ficção”. A fantasia permite à criança elaborar emoções e refletir sobre a vida. Cunha (2017, p. 44) complementa: “A emoção do aprendente apropria-se do que será apreendido”. A afetividade é, portanto, base da aprendizagem — e as histórias são sua linguagem mais natural.

Rossini (2012, p. 15-16) reforça que “a falta de afetividade leva à rejeição aos livros”. A literatura, quando mediada com amor, desperta o prazer de aprender e amplia a consciência emocional da criança.

As histórias, mesmo diante da tecnologia, continuam essenciais. Elas confortam, ensinam e representam sentimentos universais. Em personagens e enredos, as crianças reconhecem medos, alegrias e esperanças. Assim, o aprendizado se torna uma experiência de alma — um caminho entre o sentir e o saber.

1.5 ENTRE DRAGÕES E FADAS: CRIATIVIDADE E FANTASIA NA APRENDIZAGEM

A imaginação é a morada do aprendizado. Como afirma Costa (2009, p. 82), contar histórias imaginativas “proporciona momentos em que o ouvinte trabalha intensamente o seu imaginário”. A fantasia não é fuga, mas ferramenta cognitiva e afetiva. Nesse sentido, torna-se essencial compreender o valor das narrativas imaginativas no desenvolvimento infantil. Como bem observa Costa:

É comum encontrarmos associados: o ato de contar histórias e o público infantil. De fato, um dos caminhos para integrar as crianças no universo cultural, constitui ao longo dos séculos, é contar histórias imaginativas. Além da função de resgate da cultura, essa atividade proporciona momentos em que o ouvinte trabalha mais intensamente, e de maneira individualizada, o seu imaginário. Há, portanto, uma função psíquica formadora na contração de histórias. Além, é claro, do natural prazer e divertimento de poder compartilhar narrativas inventadas (Costa, 2009, p 82).

A imaginação é a morada do aprendizado. Como afirma Costa (2009, p. 82), contar histórias imaginativas “proporciona momentos em que o ouvinte trabalha intensamente o seu imaginário”. A fantasia não é fuga, mas ferramenta cognitiva e afetiva.

Colomer (2007) mostra que, desde cedo, as crianças compreendem estruturas narrativas, usam frases como “Era uma vez...” e criam personagens que espelham suas emoções. Essas narrativas oferecem à criança formas de compreender o mundo e a si mesma, articulando ficção e realidade.

Hansen (2019, p. 9) complementa que “cada personagem é uma peça-chave, e de cada um depende a harmonia do outro”. A narrativa ensina, assim, o valor da alteridade e da empatia. Como destaca Colomer (2007, p. 57-58), as histórias são “representações literárias que propõem alternativas, mas confirmam certezas

1.6 DO TAPETE AO CASTELO: CRIANDO AMBIENTES MÁGICOS PARA CONTAR HISTÓRIAS

Desde tempos remotos, contar histórias é um ato de encontro, afeto e partilha. O espaço onde a narrativa acontece vai além do cenário físico: é um refúgio simbólico onde a imaginação floresce e os laços se fortalecem. Seja sob uma árvore, no aconchego da sala ou no canto de uma biblioteca, cada detalhe do ambiente convida à escuta e ao encantamento. Como afirma Sousa (2021, p. 76), o espaço narrativo se constrói “abrindo portas e janelas, tirando a poeira dos cantos e convidando o participante para uma conversa entre amigos [...] regada a chá de acolhimento e verdade com boas doses de humanidade”.

Criar um espaço para a contação é, portanto, um gesto de cuidado — um convite para que as palavras ganhem morada e os silêncios adquiram sentido. O tapete no chão pode ser tão poderoso quanto um castelo: nele, todos compartilham o mesmo nível, transformando o ato de ouvir em vivência afetiva. Almofadas, luz suave e objetos simbólicos tornam-se extensões do texto, capazes de ampliar a escuta e envolver os sentidos (Colomer, 2007).

Para Colomer (2007), a leitura, especialmente no ambiente escolar e familiar, deve ser um ato partilhado e prazeroso. É essa partilha que os espaços mágicos promovem — despertam o sentir, acolhem o silêncio e permitem que cada ouvinte entre e saia da história ao seu tempo. Criar esse ambiente é tecer vínculos entre leitor e narrativa, entre o real e o imaginário.

Almeida (2011, p. 112) reforça que “existe todo um ritual na contação de histórias que deve ser levado em consideração. Contar um conto exige que se prepare devidamente o ambiente. Os ouvintes devem estar preparados para entrega, confiar naquele que narra”. Esse preparo vai além da disposição de objetos: envolve o olhar, o silêncio inicial e a escuta sensível que se estabelece entre narrador e ouvintes. Para

o autor, “[...] o contador precisa estabelecer um vínculo com sua audiência [...]. Existe uma verdadeira tradição de as narrativas serem contadas ao redor do fogo ou da água, conforme a época do ano.” Assim, preparar o ambiente é preparar os sentidos — criar uma atmosfera de confiança e imaginação compartilhada.

O espaço da contação é um palco sensível onde emoções ganham corpo e memórias afetivas se constroem. É ali que palavras e silêncios dançam, olhares se encontram e sentidos se despertam. Do tapete ao castelo, cada espaço de contar histórias tem o dom de transformar o simples em encantamento. Criar esses ambientes é mais que um gesto estético: é uma arquitetura do afeto, que acolhe o imaginário e honra o encontro. Contar histórias é menos ensinar e mais tocar: é semear confiança, regar emoções e cultivar presenças. No chão compartilhado ou sob uma luz suave, a palavra encontra morada — e ali, entre almofadas, olhares e silêncios, as histórias repousam no coração de quem escuta, como quem encontra, enfim, o seu lugar no mundo.

2 METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida configurou-se como um estudo teórico-empírico, por integrar conhecimentos fundamentados na literatura com a vivência prática em campo, aproximando-se da realidade educativa investigada. Conforme o SEI/FAI (2013, p. 36) destaca, pesquisas desse tipo envolvem “a utilização de dados secundários” associados à coleta de “dados primários em pesquisa de campo”, o que possibilita uma compreensão mais profunda e situada do fenômeno pesquisado. Assim, o estudo combinou análises teóricas sobre contação de histórias com observações e interações diretas junto às crianças e professoras participantes.

A abordagem qualitativa foi escolhida por permitir interpretar percepções, emoções e significados atribuídos pelos sujeitos envolvidos. Essa escolha está alinhada à orientação de SEI/FAI (2013, p. 36-37), que compreendem a pesquisa qualitativa como uma perspectiva que reconhece “um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”. Nesse contexto, o pesquisador tornou-se o principal instrumento de investigação, observando, sentindo e registrando nuances que não podem ser traduzidas em números.

O estudo assumiu caráter explicativo, buscando compreender os impactos da contação de histórias no desenvolvimento emocional, cognitivo e social das crianças. Como defendem Rampazzo e Corrêa (2008, p. 28), esse tipo de investigação implica que o pesquisador “compartilhe a vivência dos sujeitos, participando de forma sistemática e permanente das suas atividades”. Assim, o olhar investigativo não foi distante, mas participante, envolvendo-se com o cotidiano, com as reações infantis e com a prática docente.

A pesquisa foi desenvolvida por meio de estudo bibliográfico e estudo de campo. A base teórica permitiu amparar a investigação com autores que discutem a narrativa, a infância e o poder das histórias no processo formativo. Já o campo ofereceu a possibilidade de observar e experimentar de forma concreta como as histórias atuam no cotidiano escolar. Severino (2011, p. 123) explica que, na pesquisa de campo, o fenômeno é observado “em seu meio ambiente próprio”, e assim foi: as histórias foram vividas no espaço real de aprendizagem, entre brinquedos, rotinas e interações espontâneas.

Participaram do estudo 25 crianças do Maternal I da Creche Municipal Kinder Haus e do Pré I da Escola de Ensino Rural Ministro Luiz Galotti, além de três professoras — aqui representadas simbolicamente por Conto, Verso e Fábula. A coleta de dados ocorreu em encontros de contação de histórias e por meio de um questionário aplicado às docentes. O questionário semiestruturado, conforme orienta Strieder (2009, p. 50), combinou “questões abertas e fechadas”, possibilitando tanto a expressão livre das professoras quanto a obtenção de dados mais objetivos.

Durante as sessões, o pesquisador atuou como contador de histórias, adotando a observação participante como principal instrumento metodológico. Rampazzo e Corrêa (2008, p. 82) afirmam que esse método exige “mergulhar profundamente na cultura e no mundo dos sujeitos pesquisados”, permitindo captar emoções, gestos, silêncios e expressões que revelam o significado da experiência. O estudo respeitou princípios éticos, utilizando Termos de Consentimento e Assentimento Livre e Esclarecido.

Quatro histórias nortearam a pesquisa: Onde Está a Ovelha Verde?, A Galinha Ruiva, A Casa Sonolenta e Os Três Porquinhos. Cada narrativa provocou diferentes aprendizagens e sensibilidades. A Ovelha Verde despertou curiosidade, participação

ativa e expectativa a cada página. A Galinha Ruiva apresentou às crianças o valor do esforço coletivo, simbolizado no ato de preparar e compartilhar o bolo. Em A Casa Sonolenta, o ritmo e a repetição criaram uma atmosfera envolvente, conduzindo as crianças a uma experiência sensorial marcada por sons e pausas. Já Os Três Porquinhos trouxe maior expressividade corporal, com gestos, palmas e movimentos que aproximaram o corpo do texto, revelando o potencial da integração entre voz, gesto e imaginação.

Como reforça Dohme (2010), a contação envolve técnicas vocais, expressivas e gestuais que transformam a narrativa em experiência viva. Essas observações ficaram evidentes quando as crianças reagiram aos sons, às pausas e ao ritmo das histórias. Abramovich (1994, p. 24) lembra que “ouvir histórias é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores... é encantamento”, sentimento identificável nos olhares atentos, nos sorrisos espontâneos e nos silêncios carregados de expectativa.

As professoras reforçaram essa percepção ao relatarem que a contação amplia vocabulário, estimula imaginação, desenvolve inteligência emocional, reforça valores e aproxima as crianças da leitura. A professora Fábula destacou a importância dos gestos, olhares e movimentos para envolver os pequenos; Conto ressaltou o uso de recursos como fantoches, palitoques, avental e elementos sonoros; já Verso enfatizou como a prática favorece o ritmo, o desenvolvimento corporal e a integração entre corpo e linguagem.

Os dados evidenciaram que a contação vai além do entretenimento, configurando-se como ferramenta pedagógica poderosa. As narrativas promoveram atenção, concentração, participação ativa, criatividade e vínculo afetivo. Santos e Campos (2016, p. 91) explicam que, por meio das histórias, os alunos “interagem, questionam, refletem e compreendem os conteúdos curriculares”. Essa compreensão foi observada quando as crianças comentavam atitudes das personagens, refletindo sobre escolhas, medos, conquistas e valores.

As histórias tornaram-se um território onde emoção e aprendizagem se entrelaçaram. Bajour (2012) lembra que as narrativas convidam o ouvinte a refletir sobre suas visões de mundo. Em cada gesto infantil, o sopro imitando o lobo, a mão que busca tocar a imagem do livro, o silêncio atento, havia diálogo entre texto e vida.

Gallian (2017, p. 25) afirma que as histórias “quebram a rotina dos dias cinzentos, abrem portas para outras dimensões”, e isso se comprovou quando o ambiente escolar se transformou em cenário de encantamento.

Rossini (2012, p. 15) afirma que “as crianças devem ter oportunidade de desenvolver sua afetividade”, algo intensamente presente nas reações observadas. Amarilha (1997, p. 19) reforça que, ao viver emoções das personagens, a criança amplia suas possibilidades de experiência sem risco, elaborando sentimentos e compreendendo o mundo. Essas percepções se confirmaram quando as crianças demonstraram empatia, comentaram ações, identificaram conflitos e compartilharam suas próprias interpretações.

Por fim, como lembra Estés (1998, p. 38-39), histórias invocam “poderes maiores do amor, da misericórdia e da generosidade”, e isso permaneceu vivo após cada contação. Os resultados revelam que a narrativa oral é um potente recurso pedagógico, capaz de transformar o cotidiano escolar em espaço de imaginação, sensibilidade e construção do saber. Cada história narrada deixou sementes, de afeto, criatividade e aprendizagem, que continuam a florescer no coração das crianças e no fazer pedagógico das professoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerrar este trabalho é como fechar um livro que ainda pulsa, cujas páginas continuam a sussurrar histórias mesmo depois do ponto final. Cada linha nasceu do encontro entre o real e o imaginário, entre o rigor da pesquisa e o toque leve do encantamento. As histórias contadas, observadas e sentidas seguem dançando nas vozes infantis e nos gestos das professoras, ecoando na emoção de quem as escuta com o coração desperto.

Desde o início, buscou-se compreender como a contação de histórias, ao entrelaçar ludicidade e emoção, pode encantar e transformar a aprendizagem. O que se encontrou foi mais do que resposta: foi um movimento de vida. Quando a palavra ganha corpo e se faz voz, o saber floresce como brincadeira, e o aprender se veste de afeto. O riso e o silêncio, antes opostos, tornam-se versos de uma mesma canção.

Durante as sessões, o espaço escolar se transformou em palco e travessia. As crianças deixaram de ser ouvintes e tornaram-se habitantes das narrativas, completando frases, inventando rumos, dando nova vida às histórias. Cada olhar curioso revelava descoberta, cada suspiro carregava aprendizado. O texto deixava de ser objeto e se tornava acontecimento vivo.

Nos relatos das professoras, ecoaram vozes que revelam sabedoria cotidiana. Ao incorporar a contação de histórias às práticas pedagógicas, elas perceberam uma rotina mais humana e sensível, em que o ensino se tornava leve como um abraço e o vínculo com as crianças se fortalecia. A leitura passou a ser convite, a oralidade, descoberta, e o ouvir, um exercício de amor. A contação revelou-se, assim, um território de encontro entre conhecimento e emoção.

Os objetivos desta pesquisa foram alcançados e sentidos. Identificaram-se os benefícios da contação de histórias no desenvolvimento da oralidade, na formação do hábito da leitura e na construção de vínculos afetivos. Descobriu-se que o poder das narrativas reside não apenas nas palavras, mas na maneira como são ditas e acolhidas. O contador empresta sua alma à história, e o ouvinte devolve o brilho do olhar um pacto entre quem ensina e quem descobre.

Ao analisar o encanto e o envolvimento emocional, compreendeu-se que é a emoção que eterniza o aprendizado. O sentir torna-se ponte entre o saber e o ser. Quando uma criança ri, se espanta ou se comove, aprende a sentir e sente para aprender. As histórias ensinam o que os livros sozinhos não podem: a habitar o mundo com empatia, imaginação e coragem.

O contador de histórias revelou-se mais do que narrador é semeador de sentidos, artesão do tempo e guardião da palavra. Em suas mãos, o livro é janela, abrigo e voo. Sua voz atravessa o espaço e tece pontes invisíveis entre o que é dito e o que é vivido. O conhecimento, então, ganha corpo, perfume e pulsação.

Ao observar os impactos da contação de histórias, constatou-se que ela transfigura o aprender. As crianças tornaram-se mais expressivas, curiosas e criativas. Aprender deixou de ser tarefa e tornou-se aventura. A ludicidade e a emoção, longe de distrair, afinam o pensamento e ampliam horizontes, fazendo da aprendizagem uma experiência sensível e significativa.

16º SEMIC

Seminário de Iniciação Científica de Pedagogia. Edição 2025
Centro Universitário FAI-UCEFF, Itapiranga, Santa Catarina.
ISSN 2359-554X

Assim, confirma-se a resposta à questão que norteou esta caminhada: a contação de histórias, ao unir ludicidade e emoção, encanta e transforma a aprendizagem. Ela desperta o interesse, alimenta a curiosidade, inspira a criatividade e promove o conhecimento de modo afetivo e humano. É um gesto pedagógico que educa não apenas a mente, mas também o coração.

Contar histórias é, portanto, um ato de esperança e permanência. É plantar encantamento no terreno fértil da infância e confiar que dele florescerão seres humanos mais sensíveis e conscientes. O conhecimento não se impõe: oferece-se, como quem compartilha um segredo. Cada história contada é semente lançada ao vento da imaginação, pronta para germinar em sonho e gesto.

E, se este trabalho chega ao fim, as histórias não. Porque histórias não terminam apenas repousam para recomeçar em outra voz, em outro olhar, em outro tempo. Talvez seja nesse intervalo, entre o fim e o recomeço, que habite o verdadeiro sentido da aprendizagem: o desejo de continuar descobrindo, sonhando e narrando. E, como toda boa história, esta também está apenas começando.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 4 ed. São Paulo: Editora Scipione, 1994.

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

ALMEIDA Veridiana. **Literatura infantojuvenil**. Curitiba: Editora Fael, 2011.

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura**. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CARDOSO, Bruna. **Práticas de linguagem oral e escrita na educação infantil**. São Paulo: Editora Anzol, 2012.

16º SEMIC

Seminário de Iniciação Científica de Pedagogia. Edição 2025
Centro Universitário FAI-UCEFF, Itapiranga, Santa Catarina.
ISSN 2359-554X

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COSTA, Marta Morais da. **Literatura Infantil**. Curitiba: IESDE Brasil S. A., 2009.

CUNHA, Antônio Eugenio. **Afeto e aprendizagem: relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2017.

DOHME, Vania D'Angelo. **Técnicas de contar histórias: um guia para desenvolver suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **O dom da história: uma fábula sobre o que é suficiente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

GALLIAN, Dante. **A literatura como remédio: os clássicos e a saúde da alma**. São Paulo: Martin Clarer, 2017.

GOLDIN, Daniel. **Os dias e os livros**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

GOMES, Lenice. **Prefácio**. In: SOUZA, Luiz Fernando de. **Um palco para o conto de fadas: uma experiência teatral com crianças pequenas**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2008.

HANSEN, Roger. **O Lenhador: uma história sobre generosidade e amor incondicional**. Florianópolis: Editora Florença, 2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Secretaria de Educação Básica. **Bebês como leitores e autores**. 1 ed. Brasília: MEC / SEB, 2016.

PAREJA, Cleide J. M. **Leitura e escrita na era digital**. Curitiba: Editora Fael, 2013.

RAMPAZZO, Sonia Elisete; CORRÊA, Fernanda Zanin Mota. **Desmistificando a metodologia científica: guia prático de produção de trabalhos acadêmicos**. Erechim, RS: Habilis, 2008.

REYES, Yolanda. **A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância**. São Paulo: Global, 2010.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia afetiva**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SEI/FAI. **Manual acadêmico para elaboração de trabalhos científicos 2013**. Disponível em: Manual Para Trabalhos Acadêmicos 2013.pdf. Acesso em: 26 de março de 2025.

16º SEMIC

Seminário de Iniciação Científica de Pedagogia. Edição 2025
Centro Universitário FAI-UCEFF, Itapiranga, Santa Catarina.
ISSN 2359-554X

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores da leitura**. 2 ed. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009.

SOUSA, Carla. **Biblioterapia e mediação afetuosa da literatura**. Florianópolis, SC: Ed. da Autora, 2021.

STRIEDER, Roque. **Diretrizes para elaboração de projetos de pesquisa**. Joaçaba: Ed. Unoesc, 2009.